



Ofício nº 911/2016-GAPRE

Maringá, 04 de abril de 2016.

Senhor Presidente,

Em atenção ao Requerimento nº 1464/2015, apresentado pelo Vereador **Flávio Vicente**, mediante o qual solicita que informe quais medidas têm sido tomadas para proteger os macacos que habitam o Parque do Ingá das doenças transmitidas a esses animais pelo ser humano, quando do contato dos referidos macacos com visitantes do parque, anexamos parecer da Secretaria Municipal de Meio Ambiente.

Atenciosamente,



Luiz Carlos Manzato
Chefe de Gabinete

À Sua Excelência o Senhor
FRANCISCO GOMES DOS SANTOS
Presidente da Câmara Municipal de Maringá
Nesta

Caro Vereador- Flávio Vicente:

Em resposta ao Ofício encaminhado por Vossa Senhoria a Secretaria Municipal do meio Ambiente, vimos por meio desta informar que:

No Parque do Ingá atualmente encontramos apenas primatas do gênero *Callithrix* spp., popularmente conhecidos como Saguís, este gênero de primata está naturalmente distribuído no nordeste ao norte do rio São Francisco e a leste do rio Parnaíba. (Auricchio, 1995)

Esses pequenos primatas foram introduzidos em algumas regiões de nosso Estado e estão presentes em alguns Parques de nosso município, entretanto, não fazem parte de nossa fauna nativa, sendo considerados pelo **IBAMA e IAP** como **espécies exóticas**.

A presença desses animais tem consequências drásticas para a fauna nativa, pois, realizam predação dos ninhos de aves diminuindo o percentual da avifauna local.

Quanto ao potencial zoonótico que a primatas humanos possam transmitir a esses animais, algumas são destacadas e já publicadas outrora como o herpesvírus simplex tipo I e II relatadas em meados de 1996. Primatas não humanos não são naturalmente infectados por H. simplex I e II e comumente adquire a doença em contato com humanos. Em casos de contaminação é possível observar nos calitriquídeos sinais clínicos de vômitos, hiporexia, hipotermia, paresia, nistagmo, gengivite e estomatite.

É oportuno lembrar que, tais doenças podem estar relacionadas com o fato da população infectada oferecer alimentos a esses animais contendo saliva, (Bolachas e biscoitos mordidos previamente), ou por outro tipo de contato mais aproximado com estes animais.

Não somente essa atitude como outras extremamente danosas ao meio ambiente podem ser modificadas somente com programas de Educação Ambiental.

A educação ainda é a base de toda sociedade evoluída, entretanto, e se aprendizado é um processo, e é necessário tempo para que haja mudanças provenientes desse processo. Tratando-se de Educação Ambiental é preciso sensibilizar a população para que consequentemente, esse aprendizado seja internalizado e então reproduzido.

Até o presente momento a medicina veterinária não dispõe de formas de tratamento com êxito para essas enfermidades virais.

Informamos também que, esses animais possuem alimentação disponibilizadas no interior dos Parques, mas a oferta de alimentos industrializados presentes nas lixeiras do entorno corrobora para depravação do paladar dos mesmos.



Evandra Maria Voltarelli Pachaly
CRMV 3155- PR

Mestre em Ciências da Saúde- Doenças Infecciosas e Parasitárias